

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: UMA REFLEXÃO ACERCA DE AUTORIA E PROTAGONISMO

Denise Wildner Theves ¹
Mariane Paludette Dorneles ²
Lenir dos Santos Moraes ³

RESUMO

O texto insere-se nos propósitos da formação inicial dos acadêmicos do curso de Pedagogia em foram desenvolvidas propostas de estudo alicerçadas em pressupostos teóricos para a construção de saberes imbricados pelas interações entre os estudantes, mediadas pelos docentes e as práticas do Estágio Supervisionado desenvolvidas em espaços denominados de não formais ou “não escolares”. Nestes, o exercício da docência propôs apreendê-los enquanto lugares de vivências pessoais e formar agentes potencializadores de diálogos e encontros entre os sujeitos que os frequentam, vivem, criam culturas, a vida e a história. Com estes pressupostos, os estagiários inseriram-se na instituição realização do estágio e, utilizando as metodologias qualitativas de investigação, realizaram o estudo dos espaços educativos através da análise documental, da observação participante e de entrevistas, que permitiram o tratamento dos dados coletados para elaboração do diagnóstico da realidade. Através do diagnóstico da realidade da instituição, a escuta, a observação e a participação dos envolvidos, os professores-estagiários elaboraram um projeto de trabalho propondo o estudo de temas que partiram dos interesses dos envolvidos e das necessidades constatadas. As abordagens dos temas de estudo do projeto foram planejadas em forma de propostas didáticas ou oficinas, considerando as especificidades das instituições, tendo como princípios a formação humana. A partir do relato reflexivo sobre a experiência, foram destacados fragmentos de um estágio desenvolvido em 2019, com o qual pretendeu-se notabilizar a experiência de docência que pode traduzir-se em aprendizagens que expressam o protagonismo e a autoria no processo de construção e engajamento profissional.

Palavras-chave: Formação de professores, Estágio Supervisionado, Espaços não formais, Protagonismo, Autoria.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado nos cursos de formação para professores é parte integrante fundamental da dinâmica curricular com intrínseca dimensão formativa e profissionalizante. O estágio permite conhecimento, prática e engajamento na compreensão da competência profissional.

Entendemos esse processo como a aproximação da formação profissional formal no sentido de viabilizar a inserção do estagiário/educador como protagonista no processo

¹Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – RS, denisetheves@gmail.com

² Doutora em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - RS, marianepd@hotmail.com

³ Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - RS, lenir.s.moraes@gmail.com

de qualificação da prática educativa. Estas possibilidades permitem ao estagiário uma atuação em espaços educativos formais e não formais, para investigar os dados da realidade - suas possibilidades e necessidades – construir e desenvolver, de forma participativa, propostas contextualizadas e embasadas em princípios teóricos, que possam contribuir para construção de compromissos éticos frente às exigências de transformação da realidade educacional.

Segundo Nóvoa (2019a) uma das alternativas para fugir dessa realidade é pensar o percurso do futuro professor como um processo crescente de aquisição de uma dimensão profissional. Construindo um espaço que aproxime a escola e as instituições não formais, casas comuns da formação do professor, e as universidades. Lugar onde o acadêmico vai poder entrar em contato com professores que possuem um histórico de caminhada na profissão e servirão como orientadores para a construção da personalidade desse futuro profissional (Nóvoa, 2019b).

Este texto resulta da atuação docente⁴ no curso de Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), em Porto Alegre (RS). Inseridas nos propósitos da formação inicial dos acadêmicos, foram desenvolvidas propostas de estudo alicerçadas em pressupostos teóricos para a construção de saberes imbricados pelas interações entre os⁵estudantes, mediadas pelos docentes e as práticas do estágio supervisionado desenvolvidas em espaços denominados de não formais ou “não escolares”.⁶ Nestes, o exercício da docência propôs apreendê-los enquanto lugares de vivências pessoais e formar agentes potencializadores de diálogos e encontros entre os sujeitos que os frequentam, vivem, criam culturas, a vida e a história.

Nesta perspectiva, os professores estagiários são desafiados e estimulados a colocar em prática, através do Estágio Supervisionado, os estudos e reflexões realizados na formação ao longo do curso, privilegiando a atuação pautada na perspectiva coletiva, crítica e emancipatória em diferentes espaços educativos.

A ênfase do Estágio Supervisionado é a atuação do pedagogo em diferentes espaços chamados de “não formais” e tem por propósito, oportunizar a investigação do processo de ensino e aprendizagem através da atuação didático-pedagógica em instituições não escolares. Assim, pode ser desenvolvido em espaços de atuação de

⁴ Nossa atuação docente na instituição encerrou-se em 2019.

⁵ À fim de não exacerbar repetições às questões de gênero, será feito uso das denominações: o(s) estudante(s), (s)o acadêmico(s), o(s) professor(es), o(s) pedagogo(s), o(s) estagiário(s),

⁶ O estágio supervisionado desenvolvido em espaços denominados “não formais” ou “não escolares”, é identificado como o Estágio Supervisionado III, pelas normativas da instituição.

movimentos sociais, ONGs, hospitais, setores produtivos, igrejas, espaços lúdicos, museus, entre outros.

Esta experiência do Estágio Supervisionado propõe analisar as funções do pedagogo nos espaços ampliando a visão para novas oportunidades de trabalho. Assim, propõe um projeto de intervenção pedagógica no contexto da educação não-formal a partir do diagnóstico da realidade, considerando as especificidades da instituição e a comunidade em que se insere a ação educativa. Encaminha o planejamento e o desenvolvimento desse projeto tendo como princípios a formação humana. Aprofunda e ressignifica as temáticas desenvolvidas ao longo do curso relacionadas à pesquisa qualitativa na educação e ao papel do pedagogo pesquisador que favorece o desenvolvimento humano e a compreensão da realidade na sua complexidade, colaborando com a sua transformação.

Nesse texto pretende-se notabilizar como essa experiência de docência pode traduzir-se em aprendizagens possibilitadas pelos diferentes olhares e capacidade de escuta no processo de construção e engajamento profissional.

METODOLOGIA: CAMINHOS POSSÍVEIS

O Estágio Supervisionado oportuniza vivenciar as funções do pedagogo nos espaços não formais, ampliando o panorama de exercício profissional para outras instâncias de atuação e trabalho. Neste intento, considera a relação entre a ação pedagógica, o projeto, a gestão desses espaços e os processos educativos que transcorrem nas instituições.

Aos estagiários, propicia interações, estudos e reflexões, em que são acompanhados, desenvolvidos e analisados os processos didático pedagógicos em espaços educativos não escolares.

Levando em consideração estes pressupostos, os estagiários inseriram-se na instituição de interesse para a realização do estágio e, utilizando as metodologias qualitativas de investigação, realizaram o estudo dos espaços educativos através da análise documental, da observação participante e entrevistas, que permitiram o tratamento dos dados coletados para elaboração do diagnóstico da realidade.

A metodologia qualitativa neste contexto é entendida como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades (DEMO, 1989). Enfatiza-se que foi um trabalho realizado com o

uso da observação participante e da interação entre os sujeitos da pesquisa, propondo análises consistentes que vão além da mera descrição de situações.

A partir do diagnóstico da realidade em que está inserida a instituição, a escuta, a observação e a participação dos envolvidos, os professores-estagiários elaboraram um projeto de trabalho propondo o estudo de temas que partiram dos interesses dos envolvidos e das necessidades constatadas. As abordagens dos temas de estudo do projeto foram planejadas em forma de propostas didáticas ou oficinas, considerando as especificidades das instituições, tendo como princípios a formação humana. Todo este processo foi registrado constituindo o relato reflexivo sobre a experiência, em que se relaciona a teoria e a prática.

Nesse sentido, concebem-se eixos articuladores que abrem espaço para a confrontação de olhares plurais na observação de situações educativas que otimizam vivências pedagógicas que exploram variadas linguagens, refletindo a intencionalidade com a aprendizagem de todos e a transformação do trabalho pedagógico na perspectiva da integral, social e inclusiva.

Os estágios foram desenvolvidos em pequenos grupos, de dois a três professores-estagiários e individualmente em algumas situações extraordinárias, analisadas de acordo com as especificidades da situação. Este fato, leva em consideração os princípios da docência compartilhada como pressuposto de trabalho coletivo, trocas e aprendizagens.

Considerando a formação e atuação dos professores-estagiários por meio de um trabalho de análise crítica das práticas e de uma construção permanente do ofício docente, que não resulta apenas por aplicação de conhecimentos e técnicas, pretende-se narrar fragmentos de um Estágio Supervisionado desenvolvido em uma instituição não formal no ano de 2019, buscando refletir sobre as potencialidades da formação com docência no curso de Licenciatura em Pedagogia.

A instituição se localiza na Zona Norte, no município de Porto Alegre (RS) e atende crianças que residem nas imediações, advindo de contextos socioeconômicos distintos e desiguais.

A escolha por esse estágio é justificada pelo fato de evidenciar o quanto a autoria e o protagonismo dessas crianças podem provocar novos olhares para as metodologias desenvolvidas em espaços não escolares quando o professor estagiário atua na perspectiva dialógica e atenta, em que constrói olhares e sentires com sua atuação pedagógica, constituindo-se apreendente dos processos humanos diversos, aspectos que constituem a própria identidade profissional construída desde a formação inicial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estágio Supervisionado compõe o currículo do curso de Pedagogia do UniRitter e integrado aos demais Estágios Supervisionados, articula estudos em contextos educativos denominado “não formais”. Estando inserido em uma proposta que apresenta níveis de complexidade diversos, contribui junto com os demais, para a construção da identidade do educador. As disciplinas propostas ao longo dos semestres sustentam a simetria do processo formativo e guarnecem alicerces para o desenvolvimento dos estágios nos diferentes contextos.

Em todos os estágios do curso, a relação teoria-prática, a interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão são princípios pedagógicos estruturantes. A nós, professoras do curso, são tentativas de “[...] construir uma perspectiva mais amorosa e responsável onde possamos educar crianças e jovens, educando-nos no mesmo processo” (MELLO, 2017, p. 23).

Considerando a especificidade do desenvolvimento do Estágio Supervisionado em espaços não formais, corroborando com Gadotti, destaca-se que não se trata de opor a educação formal, geralmente realizada nas escolas, à educação não formal. Trata-se, por sua vez, de “conhecer melhor suas potencialidades e harmonizá-las em benefício de todos, particularmente, das crianças” (GADOTTI, 2005, p.3).

Nesta perspectiva, destaca-se que as instituições inseridas nesta natureza de atuação, oferecem inúmeras oportunidades para o desenvolvimento de diversos percursos de aprendizagem, interferindo diretamente na construção da identidade do indivíduo e na constituição de sua subjetividade. Assim, de acordo com Gohn a educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania. A autora realça que nesta se aprende “no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (2006, p. 28).

Na educação não formal acentua-se o envolvimento e a participação dos indivíduos, pressuposto que estreita-se com enfoque globalizador, que propõe organizar os conteúdos a partir de concepções de ensino e aprendizagem nas quais o objeto fundamental de estudo para os envolvidos é o conhecimento e a intervenção da realidade” (ZABALA, 2002, p. 35).

Nesse contexto, partindo das vivências e conhecimentos prévios das crianças ou outros sujeitos que frequentam as instituições não formais, os projetos de trabalho com variados temas são desencadeados com os participantes na perspectiva da escuta ativa e

dialogica com o outro. Destaca-se, neste propósito que o projeto é construído coletivamente, o que implica no planejamento participativo em que as crianças são protagonistas e ensinantes, o professor, por sua vez também é aprendiz.

A prática de docência compartilhada proposta para a experiência de estágio justifica-se na concepção epistemológica assumida na qual, concebe-se que o educador transformador, precisa aprender a ser cooperativo, articulado, sensível, descentrado, engajado na construção coletiva de projetos e de práticas inovadoras, comprometidas com a aprendizagem de todos.

Nas situações em que é inviável a formação de duplas ou trios de estagiários, quem realiza o papel de “outro docente” é o professor orientador do estágio e os professores do curso, com os quais o estagiário realiza encontros de orientação e planejamento de forma mais sistemática e regular. Salienta-se, no entanto, que mesmo desta forma, as concepções epistemológicas da docência compartilhada são assumidas na realização da experiência de estágio.

Os trechos transcritos foram extraídos do relatório da professora-estagiária e com eles busca-se refletir sobre a atuação docente em espaços não formais, durante o Estágio Supervisionado. Através deles ratifica-se que as instituições de ensino, sejam escolas ou outros espaços, podem ser “lugar do confronto criativo dos sentidos” (MELLO, 2017, p. 124) e, para isso, não existem contextos sociais que possam limitar as possibilidades.

Estágio ... confrontos criativos de possibilidades

A instituição em que o estágio foi desenvolvido localiza-se no Bairro Rubem Berta, no município de Porto Alegre (RS). Ela existe há muitos anos e foi sendo constituída a partir das demandas de atendimento, necessidade de ampliação de espaço e exigências legais.

Atualmente é um espaço de atendimento a crianças no turno inverso ao escolar, propondo auxiliar as crianças na realização de tarefas escolares e preparação para as provas nos espaços formais de aprendizagem, ou seja, nas escolas. Além disso, são oferecidos momentos de reforço escolar com professores e aulas especializadas de capoeira, ballet e informática. Nele são atendidas crianças com idades de 5 a 12 anos.

A professora estagiária destacou em conversa com a orientadora de estágio e registrou em seu relatório:

[...] Não há momento formal de planejamento de propostas de atividades, o trabalho desenvolvido se dá a partir das demandas apresentadas pelas crianças. Por mais que se apresente como um espaço não formal, acredito que a instituição se norteia muito ao que as escolas demandam e acaba sendo como uma extensão da mesma. Fora esses momentos e os das oficinas, é um espaço-tempo onde as crianças podem brincar umas com as outras. (Da SILVA, 2019, p. 12)

Se por um lado, esse fato denota pouca ou nenhuma expressão da intencionalidade pedagógica, por outro, oferece oportunidades para desenvolver temáticas de estudo que partam do interesse e curiosidade das crianças, potencializando a sua autoria e as aprendizagens com sentido.

Corroborando na busca do processo de formação dos professores estagiários, apresenta-se como um convite para construir possibilidades de concretizar formas de vincular os conhecimentos à vida e, por isso, repletos de sentidos, afinal, “[...] todo conhecimento é humano, e quando este conhecimento se desvincula da vida concreta dos seres humanos, desumanizam-se mutuamente, sujeitos e mundos” (MELLO, 2017, p. 67).

A professora estagiária percebeu as potencialidades de sua atuação e as oportunidades que emergiam do grupo de crianças com as quais estava interagindo, cujas evidências apresenta em seu relatório ao descrever a turma:

As crianças da turma são agitadas e ativas, todas estudam à tarde, quando os que estudam de manhã não tem aula, integram-se com a turma chamada de regular.

Por serem muito agitadas, o momento de realizar o tema de casa pode ser caótico por não ter conexão com o que os outros colegas estão fazendo, então não percebo tanta união no grupo.

Contudo, **justamente essa agitação e necessidade de integração se mostrou como grande potencialidade enquanto combustível e condutor do projeto. Uma vez que construindo a proposta de trabalho com a turma, todos se mostraram interessados**, porém foi difícil desassociar a ideia de reforço escolar e a matéria escolar regular dos assuntos do projeto. (Da SILVA, 2019, p. 12, grifos nossos)

Constata-se a importância da relação com os outros que denotam momentos de aprendizagem, pois, na troca de saberes as interações são construídas e fortalecidas, desenvolvendo laços de pertencimento, respeito mútuo e construção da própria identidade. Premissas evidenciadas na exposição da justificativa para o projeto de trabalho construído com a turma de crianças.

Importante destacar, também, o quanto um olhar sensível, sem lentes poluídas pelo julgamento antecipado e rotulador da agitação percebida no grupo, possibilitou conexões tão engajadas para que o projeto pudesse acontecer.

A escolha do projeto se deu a partir de momento de diálogos que foram acontecendo durante o período de observação, que se confirmou na problematização. Por justamente ter feito a escolha de não influenciar em nada na seleção de um tema, propus como todos os dias uma roda de conversa, na qual explicitarei a importância de escolherem um tema de sua escolha que fosse uma **curiosidade coletiva**, mas uma curiosidade muito orgânica, **sem a necessidade de ser uma espécie de reforço escolar** mas que se estabelecesse uma relação de autonomia para com o tema que fosse acordado pela turma. Como já esperava, surgiram os assuntos: sangue, corpo, medicina, cérebro, coração. Perguntei quantos deles já haviam estudado o corpo humano, quais sistemas haviam estudado, poucas vezes surgiu o ‘trio’ de temas que conduziu nosso projeto. Percebi que trabalhando a temática do corpo humano com enfoque no coração, cérebro e sangue, poderia contribuir para desenvolver outras questões que se faziam necessárias naquela turma, **a coletividade**, o se relacionar e **respeitar o outro, o espírito de equipe**. Desde o primeiro instante os relacionando com as partes de um corpo só que necessitava da comunicação clara e pacífica para que houvesse um bom funcionamento e para que os objetivos desse corpo fossem alcançados. (Da SILVA, 2019, p. 14, grifos nossos)

Na organização das diferentes disciplinas didáticas que compõe a grade do curso de Pedagogia do UniRitter, há a preocupação latente para que os conceitos sejam trabalhados de forma interdisciplinar e de forma globalizada. Tal preocupação e premissa de organização curricular instrumentaliza que nos momentos de estágios as leituras diagnósticas sejam mais robustas. A partir do desejo e interesse do grupo, a professora estagiária tem condições de contribuir para que a aprendizagem das crianças aconteça fazendo conexões significativas.

A potencialidade dos projetos de trabalho é evidenciada no relato da estagiária e com este, legítima que são uma outra forma de conceber a prática pedagógica, indo além da justaposição de conteúdos e temas. Deste modo, favorecem a criação de estratégias de estudo e interação em torno de problemas e hipóteses. Enquanto estratégia de organização de conhecimentos e mediação das interações, qualificam as propostas didáticas em espaços não formais.

Neste panorama Gohn reitera: [...] “a educação não formal é um processo de aprendizagem, não uma estrutura simbólica edificada e corporificada em um prédio ou

numa instituição; ela ocorre via o diálogo tematizado.” (2014, p.44). Pressupostos confirmados no contrato didático realizado com a turma de crianças e a estagiária.

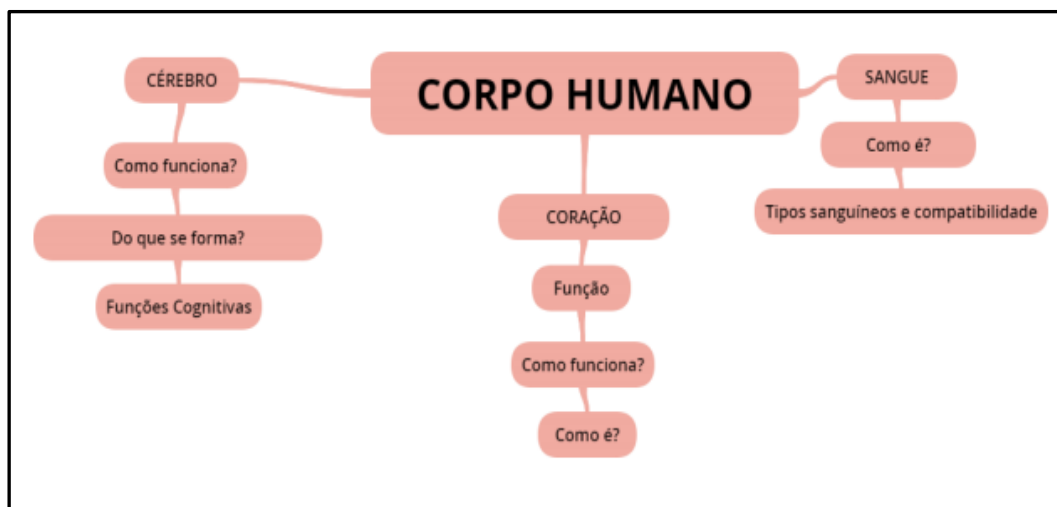
Figura 1 – Criando coletivamente caminhos para descobrir

O que já sabemos? Ou o que já há na instituição ou espaço?	O que queremos saber? Para que queremos estudar esse tema?	Como faremos para aprender? Ou como faremos para atender às necessidades e demandas neste momento?	Para que queremos estudar esse tema? Ou Para que é importante nossa atuação/mediação neste momento?
-Nada; -Tudo menos cérebro; -O sangue é diferente de pessoa para pessoa; -Os cinco sentidos.	-Tudo; - Cérebro; -Por que os sangues são diferentes? - Como funcionam coração e veias.	- Vídeos; -Tocando num coração; - Visitando algum lugar; - Pesquisando.	- Para conhecer o corpo humano, por termos curiosidade sobre e dá pra trabalhar outras coisas junto.
Como vamos mostrar o que aprendemos? Ou fizemos? - Fazendo um vlog; - Falando pra turma dos pequenos; - Montando um corpo humano;			

Fonte: Da SILVA (2019, p. 15)

Analisando os registros do contrato didático, a professora estagiária elaborou a Rede Temática, que pode ser definida como a sistematização das intenções de trabalho, assim como apresentado na figura 2. Reafirma-se que essas partem da curiosidade das crianças e das observações durante a realização do diagnóstico da realidade.

Figura 2 – Rede Temática do Projeto



Fonte: Da SILVA (2019, p. 15).

Elaborar a rede temática possibilita ao educador analisar várias formas de abordar o assunto a ser pesquisado e os conteúdos que irão subsidiar a construção de conhecimentos por parte do educador e dos educandos. A partir dela, são propostos os objetivos do projeto e feito o planejamento das aulas.

Para o projeto ora apresentado, a professora estagiária expressou o quanto pretendia realçar a autoria das crianças, sem com isso desmerecer as temáticas propostas, assim como expõe em seu relatório.

Objetivos do projeto

- Conhecer o corpo humano, mais especificamente o coração, cérebro e sangue;
- Integrar a turma;
- Trabalhar em equipe;
- **Desconstruir a ideia de que apenas os professores decidem o tema do que se estuda;**
- Instigar a curiosidade e proatividade dos alunos;
- Explorar e produzir materiais acerca do tema de estudo. (Da SILVA, 2019, p. 16, grifos nossos)

Preocupação também destacada na transcrição do “Registro Pós-encontro” que integra o planejamento diário e propõe narrar o cotidiano vivenciado, descrevendo a dinâmica do trabalho, o envolvimento do grupo e as aprendizagens mais significativas dos envolvidos, suas descobertas, as relações que estabeleceram, como foram as interações durante as atividades, bem como as necessidades percebidas.

Optei por realizar a prática com rodas de conversa pois a minha intenção é tirar o aspecto de sala de aula da expectativa das crianças, pois isso as limita nas respostas, além de limitar seus corpos. Por este motivo não escrevi nada, nem passei esquemas, trouxe apenas algumas imagens para ilustrar a temática. Para que pudessem através do momento de conversa sentirem-se valorizados por terem contribuído com a construção da conversa, solicitei que depois do momento de troca de informações, construíssemos um cartaz com o que aprendemos através de desenhos ou escrita. As crianças muito empolgadas já foram logo pegando os materiais e enfeitando o cartaz. Perguntei se tinham aprendido muita coisa, já que já sabiam muito desde o princípio e as respostas variaram de um pouco para muito. Minha sensação foi de surpresa pois os que disseram que aprenderam muito eram aqueles que trouxeram mais material na discussão sobre o que já sabiam. Registro Pós-encontro do 1º dia (Da SILVA, 2019, p. 18)

Em seu registro, a professora estagiária evidencia a intenção de encontrar caminhos diversos daqueles assumidos pela rotina no espaço educativo não formal, qual seja realizar o “reforço” das atividades escolares. Neste intuito, não repete aquelas

propostas que as crianças trazem da escola para ser realizadas no turno inverso, sem contudo, isentar-se de provocar as crianças para fazerem perguntas, levantar hipóteses e envolver-se na busca pela resposta daquilo que lhes desperta curiosidade. Neste intento, depreende de propósitos meramente descritivos e mnemônicos de transmissão de conceitos sobre o corpo e em sua atuação pedagógica confirma o alerta exposto por Mello, que afirma que a criança

é o sujeito privilegiado de nossas ações, o motivo de nossa ação profissional, e a concebemos como esse sujeito de nosso diálogo, nunca como objeto de nossa ação. “O barato é delas”, não nosso. Não se trata de nós. Não fazemos “por” nem “para” elas, fazemos radicalmente “com” elas. Fazer não é executar o que o outro pensou. [...] (MELLO, 2017, p. 122)

Com estes pressupostos, a professora estagiária aproximou as crianças do estudo do corpo, partindo de sua curiosidade, contribuindo para o resgate da sensibilidade para temas que nos constituem como humanos. Sabe-se muitos aspectos sobre a funcionalidade do corpo, mas nem sempre se considera como integrante de nossa individualidade (Duarte, 2010). Na transcrição do “Registro Pós-encontro” expõe,

Durante esta prática, percebi o interesse das crianças na trajetória do sangue pelo corpo, pela movimentação, pelas trocas de gases no percurso. Com isto propus que construíssemos um cartaz, desenhando um colega no papel cartaz em tamanho real e que posteriormente desenhássemos o caminho do sangue desde o coração até o pulmão, do pulmão até o coração e do coração para o corpo todo e depois de volta ao coração e que em outro momento produzíssemos sangue fake para que pudessem se inspirar para o dia das bruxas. Os alunos se empolgaram com ambas as propostas e ficamos com a missão de escolher um colega para ser nosso corpinho para a atividade. (Da SILVA, 2019, p. 21)

O interesse e o engajamento das crianças nos estudos sobre o corpo, revelam a autoria e o protagonismo na construção de saberes através das trocas que são estabelecidas entre elas, independente da heterogeneidade das idades no grupo, e destas com a professora estagiária. As atividades foram planejadas e mediadas pela professora, o que expressa o seu compromisso pedagógico com o processo de ensino-aprendizagem.

Em um dos dias de realização do estágio, foi planejada e realizada uma visita mediada ao laboratório de estrutura e função humana, localizado no Campus em que a professora estagiária estudava. Para este momento a professora de Ciências Biológicas, docente no curso de Pedagogia, acompanhou a atividade com a turma. O espaço do

laboratório foi organizado em “estações”, cada uma contendo um sistema estudado com a turma (sistema circulatório, pulmonar, digestório e nervoso), assim como registra a Figura 3.

Ao chegar no laboratório todos usaram jalecos para que pudessem realizar a manipulação das peças. Primeiro foi feito um momento de interação livre com os materiais de cada estação, com possibilidades para a manipulação das peças anatômicas. Em seguida, foram propostos momentos para que as crianças fizessem perguntas e mais oportunidades para interação com os materiais expostos nas estações.

Figura 3 – Visita ao laboratório de estrutura e função humana



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

O envolvimento das crianças na atividade foi expresso no registro da professora estagiária

Houve muito interesse por parte das crianças nesta estação, todos exploraram bastante o material exposto na mesa, tiraram dúvidas, reafirmaram o que já sabiam. (Da SILVA, 2019, p. 32-33)

A narrativa da professora estagiária pontua os procedimentos técnicos para que pudessemos explorar o ambiente, assim como o interesse em explorar as peças anatômicas, tirando dúvidas e reafirmando o que já tinham discutido antes.

A presença das professoras regentes que acompanharam as atividades e da professora da estagiária foi uma experiência riquíssima que permitiu a criação de vínculos importantes e valorizou a prática e conhecimento dos professores regentes, aproximando estes da instituição formadora (Nóvoa, 2019b).

O projeto desenvolvido pela professora estagiária possibilitou superar a forma cartesiana e desconectada que essa temática é trabalhada nos espaços escolares. Momentos como esse na trajetória de formação dos licenciados permitem que se repense as práticas a partir de vários olhares.

Ao analisar seu estágio e realizar a autoavaliação, a professora estagiária narra:

Quando tomamos a educação não-formal como uma alternativa complementar a prática regular de ensino, temos um leque de interpretações e opções de prática para que possamos nos debruçar enquanto educadoras.

Um contraponto que pude identificar entre a teoria e a prática, é que na instituição onde o projeto foi realizado se dá ao fato de que não há planejamento acerca da prática pedagógica, contudo o não planejamento não prejudica o desenvolvimento dos discentes, uma vez que a professora da turma se baseia no que vem da escola formal para desenvolver as atividades com a turma. Assim, ela segue o que foi proposto na escola.

Entretanto, percebi que há a possibilidade de se desenvolver um planejamento para essa modalidade de trabalho de forma interdisciplinar, de forma que alcance a todos e trabalhando em cada um as habilidades necessárias não só para seu desenvolvimento escolar regular, mas para desenvolvimento de autonomia, trabalho coletivo, escuta ativa e atenta a necessidade do grupo, entre outras habilidades que o aprender a ser demanda para o convívio escolar e em sociedade. O que nos permite mais uma vez, mesclar as formas de trabalho, quando com olhar atento e investigativo percebemos as possibilidades que podemos explorar, mesmo havendo uma pluralidade de idades e conteúdos a serem abraçados para que contemplem as necessidades dos discentes em questão.

[...]acredito ter superado minhas próprias expectativas em relação à prática realizada neste estágio.

Houveram diversos desafios, não só no lidar com a turma mas no desconstruir a ideia da formalidade da instituição em mim e com as crianças também, no desenvolver estratégias que desenvolvessem a coletividade, a imaginação, a curiosidade, de forma que pudesse conversar com o projeto proposto sem remeter a metodicidade com a qual as crianças estavam acostumadas fomentando interesse e comprometimento sem abandonar a diversão e satisfação no investigar e descobrir coisas novas.

O planejamento foi a etapa mais difícil no sentido de que a criatividade voou longe e precisei me ater ao real e possível no cronograma, foram reflexões muito profundas acerca de como abordar o necessário de forma que não ficasse confuso e bagunçado mas que mantivesse o interesse da turma, então as ideias mirabolantes de manter a atenção assombravam as ideias ao mesmo passo que o objetivo de dar voz ativa

as crianças me lembrava que não era bem assim, então, em suma acredito ter balanceado bem essas duas vertentes que regeram esse planejamento no geral.

Muitas coisas mudaram da ideia original, mas o que se desenhou na prática, no real me agradou muito mais enquanto professora em formação. (Da SILVA, 2019, p. 51 e 52)

Fica evidente, pela atuação e narrativas da professora estagiária, que o conhecimento descentralizado e fluído nas diversas linguagens e nos meios de comunicação, diversifica o uso de recursos para se apoiar enquanto mediador das diversas oportunidades educativas. Nessa perspectiva, ficou claro que a acadêmica foi autora do próprio aprendizado, pois dedicou atenção de pesquisador, realizou a busca de recursos diversos, planejou e criou possibilidades de aprendizagem, relacionando teoria e prática. Dessa forma, exerceu o protagonismo de professor, produziu conhecimentos e se transformou na busca da construção de espaços educativos “amorosos, produtivas, formativos e alteritários.” (MELLO, LOPES, 2017, p. 56). Tal como expõe suas concepções sobre a sua mediação em espaços não formais:

A aprendizagem não formal pode ser definida também como a possibilidade de haver uma outra perspectiva acerca de temas que ficam presos na única possibilidade de trabalho que se estabeleceu como padrão, uma quebra de paradigmas e estereótipos de forma de trabalho pedagógico.

Acaba por ser também como uma forma de estabelecer autonomia no sujeito que está a construir o seu conhecimento com a mediação do professor ou instrutor, validando sua curiosidade e modo investigativo, a metodologia daquele sujeito vai se desenvolvendo conforme se trabalha essa autonomia e a viabilidade de sua investigação, registro e demonstração de resultados ou solução de algum problema. Assim sendo, a ideia de que o espaço não-formal de aprendizagem se opõe ao formal acaba se enfraquecendo, por justamente a aprendizagem não-formal trazer um outro ponto de vista para o que se trabalha nos espaços formais de educação, sendo um complemento na vida do sujeito, estabelecendo essa conexão, aprimorando e ampliando o repertório do mesmo. (Da SILVA, 2019, p. 4)

Coadunadas com as aprendizagens da professora estagiária e Gohn (2006), a nossa concepção de educação não formal articula-se ao campo da educação cidadã em que na educação não formal, volta-se para a formação de cidadãos (as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: VISLUMBRANDO ALGUNS APONTAMENTOS

Salvaguardamos as práticas de Estágio Supervisionado como parte integrante e imprescindível da dinâmica curricular, com intrínseca dimensão formativa profissionalizante. O estágio faz parte da Educação Profissional promovendo o aprendizado de competências próprias do ofício de professores.

De acordo com Moraes, no curso de Pedagogia do UniRitter:

Entendemos o estágio supervisionado como uma prática pedagógica que colabora para a compreensão dos fenômenos educativos, produzindo novidades que enriquecem e ampliam as possibilidades de reflexão teórica possibilitando o **conhecimento profissional** nas experiências diretas com alunos, professores e o contexto educativo. No Estágio Supervisionado a **Prática Profissional** oportuniza a vivência dos processos de aprendizagem que se quer ensinar. A teoria e a prática estão intimamente articuladas, resguardando sua diferenciação. A prática pedagógica não pode ser realizada desvinculada de intencionalidade e de reflexão teórica, bem como a teoria não pode ser vista como um arcabouço autônomo de ideias. O Estágio Supervisionado permite o **engajamento profissional** na medida em que se compromete moral e eticamente com os diversos atores do sistema educacional ao investigar e problematizar a realidade educativa, diagnosticando elementos para compreendê-la na busca constante de melhoria e qualificação do corpo teórico existente (MORAES, 2019, p. 3).

Deste processo é importante destacar os pressupostos que são alicerce das propostas de Estágio Supervisionado e respaldam a inserção dos professores estagiários no espaço não escolar em diferentes momentos e diversas formas de atuação:

O conhecimento e o pensamento têm suas raízes no contexto sociocultural. Esse é produto das práticas humanas e vai gerar formas de pensar e de conhecer o mundo, grades lógicas e epistemológicas por meio das quais enxergamos, por isso construímos, o que é a realidade para nós. (MELLO, 2017, p. 41)

Dessa forma, nas experiências de estágio, os acadêmicos são desafiados à construção e ao desenvolvimento efetivo de projetos de Educação Integral, social, inclusiva e digital que favoreçam a aprendizagem de todos e que estejam comprometidos com o desenvolvimento humano e a sustentabilidade.

Inseridos em instituições não formais, os acadêmicos aprofundam e ressignificam as temáticas desenvolvidas ao longo do curso relacionadas à pesquisa qualitativa na educação e ao papel do pedagogo pesquisador que favorece o desenvolvimento humano

e a compreensão da realidade na sua complexidade, colaborando com a sua transformação.

Entendemos o Estágio Supervisionado como o processo de transformar ideias em ações, de intervir na realidade, organizando metodologicamente o trabalho, fazendo opções que revelam posturas e ética diante da educação. Não se pode conceber uma forma única de planejar e levar a termo um projeto. Fazer opções coerentes a partir das leituras realizadas nas observações de estágio faz-nos conhecedores das demandas impostas.

Diante das exigências do Estágio Supervisionado, um grande desafio é a preparação dos estagiários que assumam uma atitude reflexiva em relação ao ensino e às condições que o influenciam. Conhecer como os estagiários percebe seu papel de ensinantes/aprendizes, identificando os contextos em que potencializam sua formação docente na constituição de uma prática reflexiva, é premissa fundamental desse processo.

Refletir e questionar-se sobre seus fazeres, aprendendo com suas aulas, permite aos estagiários – e a nós - perseguir e desenvolver a busca por uma prática coerente com os propósitos do ensinar – e aprender, com sentido. O coletivo de ensinantes e aprendentes nos Estágios Supervisionados nutre-se e fortalece as reflexões a partir do protagonismo e autoria de todos, em movimentos dinâmicos que se retroalimentam na reflexão-ação.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Júnior. João Francisco. **The rotten papers (ou adiós que yo me voy). A montanha e o videogame. Escritos sobre educação. Campinas: Papirus, 2010.**

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal.** Institut International des Droits de l'Enfant (IDE) Droit à l'éducation, Suíça, 18-22 de outubro de 2005.

Disponível em: <

https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em 11 ago. 2020.

MELLO, Marisol Barenco de. **O amor em tempos de escola.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

MELLO, Marisol Barenco de; LOPES, Jader Janer Moreira. Formação como movimento alteritário. In: MELLO, Marisol Barenco de. **O amor em tempos de escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 53-75.

MORAES, Lenir dos Santos. **Manual do estágio do Curso de Pedagogia da Rede Laureate**. [S.l.: s.n.], 2019.

NÓVOA, António. **O futuro da universidade**: O maior risco é não arriscar. Revista Contemporânea de Educação, v. 14, n. 29, jan/abr. 2019(a)
<http://dx.doi.org/10.20500/rce.v14i29.21710>

NÓVOA, António. **Entre a Formação e a Profissão**: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 1, p. 198-208, 2019 (b).

Da SILVA, Francielle Silveira. Projeto de Trabalho: “CORPO HUMANO – Conhecendo o sangue, coração e cérebro”. 2019. Relatório de Estágio III. Curso de Pedagogia, Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Porto Alegre, 2019.